

# Mensageiro

Indocti discant et ament meminisse perit.

## ORGAM LITTERARIO

REDACTOR — XAVIER DE MIRANDA

ANNO I

S. Luiz — Maranhão, 10 de Junho de 1907

NUMERO I

## Apparecendo

Estamos justamente, no tempo, em que se nos abrem coração e alma à conquista dos nobres e grandes ideias; estamos, venturosamente, a atravessar esta quadra feliz e doce, alegre e entusiástica, em que uma illusão que nos doire os sonhos, uma imagem que nos ilumine o pensamento avulta ao sentimento, brilha como estrela no céo de nossas esperanças, e por ella, essa luz radiante e bellissima os passos guiamos, sem saber qual será o fim da jornada, sem medir os perigos do incessante caminhar, sem que sintamos cansados e mortos os membros.

Nesta quadra descuidada no viver, em que tantos desvellos requer o sentimento, tudo se nos desculpa, até a audácia, a loucura, desvairamento nosprehendimentos e nas empresas, por mais arrojadas, por mais absurdas que possam parecer, aos olhos prescudores da prudência incansável dos velhos, porque não nos enche o mal das torpes aspirações, dos desvairados desejos que são, não raro, as asperezas da moral do homem que já se encharfou na lama do despeito e da vingança, nem nos estimula a vontade uma ancia infatigável que sempre aspira, a ancia das posições sociaes, da farta remuneração, do bem passar, do egoísmo da em viver neste degrado terreno, em que a vida humana, relativamente aos séculos, é um instante impreceptível, que mais depressa passa, que a chama que lambe voraz a parede, e se apaga.

Não; caminhando para o desconhecido, que é o futuro, temos e temido a alimentar-nos a coragem a esperança de encontrar no tirocínio da viagem o bem; que não pode encontrar como prêmio do trabalho, o mal, quem traz que nos diga qual de nós vale mais,

nalma os bons sentimentos, e tem no qual é a mais pura?

cerebro os bons intuições, as disposições grandiosas que na sociedade só podem produzir os benefícios fructos que são a grandeza e a sublimidade dos paizes.

Por isso com o apparecimento do "MENSAGEIRO", não nos perdemos em longos raciocínios para que chegassemos a evidência de que a sua circulação será de grande ou pequena duração, se o podemos sustentar ou não, si com a sua publicação nos sacrificamos.

Somente vizamos um fim: contribuir para o desenvolvimento das letras em nossa terra, para que a mocidade estudiosa se expreia em estudos de que muito se possa aproveitar para os dias de amanhã.

"MENSAGEIRO" o chamamos. Pois bem, que elle seja para os moços patrícios e por todas as tendas de trabalho, a que bater, anunciando-se, o amplexo da paz e fraternidade literaria, o signal impercível de clarões, força e vitalidade de que é rica toda a mocidade brasileira.

— Pois sim. Fala tu mesma.

— E a primeira gotta tremula faliou:

— Eu venho das nuvens alta, sou filha dos grandes mares. Nasci no largo oceano, antigo e forte. Depois de visitar praias e praias, depois de andar envolta em procellas, uma nuvem sorveu-me. Fui as alturas onde brilha a estrela e, rolando de lá por entre raios, caiu na flor em que descanso agora. Eu represento o oceano.

— Agora é a tua vez, disse a fada a segunda.

— Eu sou o rocio que alimenta os rios; sou irmã dos luares opalinos, filha das nuvens que se desemrolam quando a noite escurece a natureza. Eu represento a madrugada.

— E tu? perguntou Alba à mais pequena.

— Eu nada valho.

— Fala; de onde vens?

— Dos olhos de uma noiva. Fui sorriso, fui crença, fui esperança, mais tarde fui amor. Hoje sou lagrima.

As outras riram da pequena gotta.

Alba, porém, abrindo as azas, tomou-a consigo e disse:

— Esta é a de mais valor. Esta é a mais pura.

— Mas eu fui oceano!

— Eu fui atmosphera!

— Sim, tremulas gotas; mais esta é coração.

— E desapareceu no azul, levando a gotta humilde.

Coelho Netto.

## Cartões Postaes

Pelos olhos o coração despede as chamas do seu amor.

## Prospecto

O "MENSAGEIRO" publica-se duas vezes por mês.

Acceita gratuitamente artigos que interessem a causa das letras.

Outra e qualquer publicação será feita, mediante contrato.

## Assignaturas

POR ANNO 68; SEMESTRE 38; TRIMESTRE 28; FORA DO ESTADO, ANNO 78; SEMESTRE 48; TRIMESTRE 28500.

## ESCRITORIO E REDACÇÃO

RUA DA GALGADA, N.º 1

CANTO COM O LARGO DO PALACIO.

O olhar pode ser um balsamo para as duvidas de um coração, ou uma seta que o envenena e mata.

Os ares escuros são correntes que arrastam os homens à sepultura.

O incredulo é a maior meditação para o coração do crente.

A hipocrisia é a pedra onde se amola a espada da traição.

O homem que esquece o beneficio, exgottou de seu coração a seiva da gratidão.

A lagrima derramada ao pé de um cadáver, é o epitaphio do amor na lousa de um sepulchro.

O poeta em suas inspirações, é semelhante ao Propheta interpretando os segredos de Deus.

O obulo da caridade consola as dôres do indigente.

F. X. M.

## 0 Mar em fúrias

*Ao distinto cirurgião dentista*

Raymundo B. Nogueira Gomes

Ha no mundo um Deus soberano, a cujos pés gêmea escravizada a natureza, que em sua presença é um complexo de grandezas para preconizá-lo.

Assenhoreou-se da terra e quiz calcá-la a seus pés, como se seu domínio não conhecesse limites e suas façanhas fossem selladas com o cunho da victoria.

Este Deus é Neptuno que, «com força enorme do impotente orgulho», alarga-se dominador de encontro as soberbas montanhas calcinadas que lhe cercam o berço, e em vão forceja derribá-las com seu herculeo braço.

Temível entre as maravilhas da terra ergue-se alto não temendo o ruido trovejante da horrisona procella, para receber os encomios dedilhados na lyra dulcisona do vate do Norte:

«Eis poderoso sem rival na terra!»

No céo rasgaram-se plumbeas nuvens, o trovão dos trovões e o suspirar dos mormulcos a hora ameaçada de uma desencadeada tempestade, borrasca, silenciosa e natureza; mas o mar... e «someter o mar de soluçar não cessa.»

Erguem-se alvacentos escarreos, encrespam-se ondas, abrem-se abysmos e neste theatro de diversidades, neste galopar desconcertado «vão quebrar o furor de suas vagas contra o grão d'areia que lhe oppõe o Creador.

Triste e assombroso é o espectáculo do mar: aqui ondas encapelladas que se erguem espumantes como o audaz e famelico leão devorando a pobre presa; ali aglomerações de trombas marítimas que lutam simultaneamente e vão se arrojar nas limpidas areias, acolhendo um «negro abysmo» abrindo as suas gargantas para tragar unia fragil não, ja de vellas farpadas pelo cyclone indomito, rebentando-a nos destroços das penedas.

E que resta da pobre não?

Restos da quilha boiam e vão obedecendo as vagas, mastros esfachelados que vão toldando as águas e vellas rotas que se enrolam nas ondas procelosas.

Uma pobre mãe esperava seu filho que há tanto tempo abandonara o lar paterno e ella a esperal-o desfeita em sorrisos e a estreitar contra seu peito o fructo abençoado de suas entradas.

Mas, um ente alquebrado, imóvel dos enfados de tão titanica peleja chega a vencer o gigante audaz e é portador da noticia do fatal drama representado nas vastas amplidões dos mares.

Horror, Céos! Fatal successo!

Mães, filho, irmãos e pais e entes vacillam nos frios braços da dor e num delírio de amor marcham a passos lentos ao encontro do infeliz naufrago que é lançado na praia pelas ondas argentinas.

Todos lhe osculam as lividas faces e num soluçar contínuo levam-o nos braços para casa, onde um tecto abençoado o acolhe e vê-se rodeado dos carinhos de uma mãe estremecida que o aperta contra o coração palpitante de amor, que «é o evangelho de todos os corações.» no dizer do immortal Byron.

Pobre naufrago! quase sem forças para vencer a morte que lhe açoava o cruel alçante, suas faces lividas e setas latentes de dor desceram a morta, a roupa estirrada pelo terrível tacto e a mortal surda do seu coração pronunciava o golpe fatal de uma morte agonizante.

Elle, quase nos paroxismos da morte,olve um terno olhar em torno dos seus e, de subito, vê lançar-se em seus braços o filhinho de 6 anos, orphão dos carinhos de uma mãe que já morreu, e consola o pobre pae supplicando-lhe que não o deixe neste mundo carpindo a miserável sorte de não ter um ente que lhe dirija os passos.

Mas o pobre pae com um sorriso saturado de dores, estreita-o contra o peito e o filhinho chora sentindo as dores de seu paço, porque «quem não sofre a dor, pode-se dizer que o seu coração não tem ternuras, o seu espírito não tem horizontes,» na bella phrase de um sabio italiano.

O filhinho eleva seu inocente coração a Deus e se oferece como vítima em lugar do pae, e Deus abençoa ambos e ambos abraçados cantam altiloquente com o vate maranhense:

Terás um peito amigo  
Lágrimas que te reguem,  
Espaço, em que floreças.

XAVIER DE MIRANDA

## Reflexões de um velho

### Carta a um amigo perverso

Não me felicites. Não me lembres que faço anos. Felicitar um homem que, por uma fatalidade do destino, não pode fugir de fazer anos, é dizer-lhe que envelhece. Que significa o teu cumprimento? que estás alegre. Mas a tualegria é-me, então, hostil e peço licença para duvidar da sinceridade dessa amizade, que eu supunha um reduto inexpugnável à hypocrisia.

O teu parabéns veio dizer-me que a mocidade vai cedendo, lentamente, mas seguramente, o lugar à velhice. E tu bem sabes quanto é triste envelhecer. Significa que não vais mais viver, e que os dias que vives tens a tristeza de na vida ter sempre o sentimento de que a morte é sempre a tua ameaça. Assim, tu tens uma perna que é um resto de mola.

Tu não sabes bem o que é a velhice! É a ante-câmara da morte, o que é um estado pior do que a morte. A morte é o fim; a velhice é a agonia sem esperança da vida que passou e não tem mais. Em cada canto, em cada objecto, em cada aspecto da natureza, há uma reminiscência que doce tanto mais quanto mais doce é o facto do passado que ella reverdece no presente.

Pois se tudo nos diz que estamos enfraquecendo; que caminhamos para os aposos mortais em que a mão trema, o olhar não brilha, com nítida visão as coisas que compõem a desgraça. As mulheres, porque se lhe de festejar a quem não desejaria nunca perder o viço da pelle, o equilíbrio das pernas e o encanto juvenil da vida?

Retira os teus parabéns e manda-me condolências em lugar. Sim meu velho, da-me pezames. Estou triste. Não me é permitido — ai de mim! — nem fazer os aposos annos vinte vezes.

Na mocidade nós semeamos os males que virão a fructificar na idade reflexiva, e os fructos da adolescência, recolhidos na velhice, nos trazem e dolorosos.

Contou-me esta manhã meu filho os abelhos brancos da cabeça, e como eram

em numero superior aos seus conhecimentos aritméticos, o inocente desistiu da operação, proclamando que eu estava velho.

E oferecem-se gentilmente para restituir-me a mocidade, indo buscar a tesoura com que a mãe cercava os alinhavos da costura.

Sorri amargo e beijei o pequenito. Bem merecia elle, pela intenção pitoresca, o beijo que lhe dei.

Foi mais generoso do que tu perverso amigo.

O teu cartão de felicitações tirou-me a ultima illusão. Foi a varinha diabolica com que brastei sem piedade e a deitaste abaixo. Como te soube velha cahir!... Obrigaste-me a ir ver ao espelho as devastações que no meu rosto o tempo e os trabalhos vão produzindo, fiquei devorada alarmado verificando que já me sulcam a fronte quatro rugas horizontais e ao canto da boca se desenham uns tenues pes de gallinha desgracioso que no anno que vem já serão mais fundos.

Accordei alegre e tu me roubaste a alegria. E's mau. Não me passava pela mente que um anno que decorre é um embaraço que a gente leva para o escuro e que a velhice é que só não caídeu quem morre.

Para dia, 13/6/1908, não encontro a aguado que sob o recorte da amizade tu voltaste a fazer-me declarar terminantemente que não quero mais relações contigo e que tudo entre nós está acabado.

P

## IN'VUE ALBUM

A.....

A amizade é a linda estrela que guia no tempestuoso mar da vida a fragil mão do coração, o porto bonançoso da felicidade, aurora soridente do dia da glória, sol que sempre brilha nos corações grandes e generosos.

O esquecimento é o horrível despenhadeiro onde naufraga o sentimento da gratidão, inferno dos indiferentes e ingratos, autor de tantas victimas que caem a seus pés feridas pelo punhal sangüinolento da perversidade e a covardia onde nasce e morre o monstro da maldade e da indiferença.

Consagrando amizade e depois esquecê-la, é commetter dois crimes, assassinar dois corações e perverter duas almas.

F. P.

## ILLUSÕES

O bronze da Sé badalava nove horas da noite, quando me encerrei nos meus lugubres aposentos a meditar uns tempos que já se foram e que não mais voltarão.

Uma lágrima nascida da fonte do coração escaldou-me as faces e ao mesmo tempo me atirou aos braços de Morpheu, trazendo-me esse doce lenitivo às intensas magras que me dilaceram a alma.

Dorme.....

Sonhava que emprehendia uma grande viagem com minha Mãe e irmã e em todos os lugares por onde passavam, as flores desabrochavam repentinamente, as violetas já murchas tornavam a reviver, as brancas nucelas cobriam os prados revestidos de níveas roupagens e os passaros gorgelando alegremente saudavam os viajantes que, unidos e extenuados contentavam a beleza do Universo.

Minha mãe, trajava d'um azul celeste e de quando em vez colhia violetas e filares, que oferecia à minha irmã, ora lhe entrelaçava as leiras mardinas, ora lhe curvava o collo alabistrino, ora se ocultava a innocencia, envolta no sacrario do seu coração.

Quando ella se afastava em busca de alguma florinha silvestre, ora em busca de alguma borboleta doudejando em torno das flores, minha mãe chamava-a para junto de si e ella risonha e obidente voltava cantando, deixando esplendidas tranças esvoaçarem ao sabor da brisa.

Sou o despertar de tão grandes illusões. Ergui-me do leito e fui ver as estrellinhas que ainda derramavam lágrimas de prata, com a esperança de que alli pudesse ver os rostos amigos que de susto desapareceram.

Engano! Só restavam n'alma as doces reminiscencias d'um sonho de illusões!

E sem achar um conforto, tepidas lágrimas humedeceram-me as faces; era já dia.

Bem disse um poeta:

— Não creias no sonho, que o sonho é phantastico, o sonho é chimeras, mentira, illusões.

VIRIATO COELHO

## PRIMOCITO AMOR

Conheceram-se em uma pequenina sala ornamentada com toda a simplicidade, porém onde o fino gosto se caracterizava.

Ele, pobre estudante que labutava nos bancos escolares em conquista de um pessamimho que lhe garantisse a vida, cultivando o cérebro dia e noite.

Ela rica, loira, de inteligência lucida, ainda formava no grupo feliz das graciosas crianças, contando apenas 12 anos; mas aqueles olhos inquietos e inocentes quantos encantos produzia?

O jovem, louco na febre alta da paixão, fitava-a com vehemência procurando aliviar as suas duvidas.

Declarar-se submisso a uma criança era, talvez, provocar-lhe o riso; era muito pequenina ainda para compreender este sentimento que surgia possante sem fitar um interesse.

Não a conhecia. Fallar-lhe era o único meio de indagar-lhe o nome e, nervoso como quem vai para um duello, dividindo continuar a viver, dirigiu-se ao grupo onde brincava o anjo do seu pensamento.

La chegando, couvidou-as para um chã, o que aceitaram contentes, e elle collocou-as nos seus lugares sentando-se ao lado de sua predilecta.

Antes de oferecer-lhe biscuits, beijou-as ocultamente.

Conversaram sobre diversos assuntos e as outras companheiras olharam curiosamente para aquelle par que, sem risco, conversava amedrontado e baixinho.

De repente eis que Lucia, assim se chamava o anjo loiro, de olhares fascinantes e encantadores, pergunta ao jovem porque a agradava tanto, porque perseguia com a sua phisionomia tristonha e se a achava parecida com alguém.

Menina, respondeu elle, em ti vejo afigurar outra criança, risonha, atraente que há bem pouco tempo me trouxe o coração aguilhoados.

Onde está? morreu?

Não, ella não pôde compreender pela pouca idade que tinha esta atra-

ção irresistivel que procura sempre unir duas almas que muitas vezes nascem em regiões diversas, filhas de paes desconhecidos e até, às vezes, inimigos fígados.

Brincava com suas amiguinhas e nem sequer um sorriso doce uma palavra só me dirigia.

Como era má!...

E o senhor não sabe onde ella mora? Não. Procure saber, pois quem tem boca vai a Roma.

Para que serve tudo isto se não sabe compreender?!

Olhe, vou contar uma historia que ouvi dos meus paes. Hontem, quando os dois sentados à janela, lembravam-se de factos idos, prestei atenção para um delles que me despertou vivamente.

O papae dizia que com elle frequentava o collegio um companheiro que se apaixonara por uma menina, talvez, a mais chic do bairro, mas que não era correspondido.

Elle continuou na sua pertinacia e tanto fez, até que conseguiu o que almejava.

Então a sua historia não será igual à deste? Talvez, lembraste-me bem, graciosa menina. Obrigadíssimo.

Tarquinio Filho.

A seguir

## Festa de Santo António.

Tem-se revestido de toda imponência a trezena de Santo António, no cruzeiro do largo de Sant'Iago. Hoje, às 8 horas da noite, haverá fadainha à grande orchestra e no largo, caprichosamente decorado e illuminado, queimar-se-hão lindas peças de fogos artificiais.

A noite de hoje promete revestir-se de um brilhantismo extraordinário, pois é considerada a briosa classe caixetal.

## Corrector

Abriu escritório na Travessa dos Barbeiros, o C.º A. C. Teixeira Leite, intelligent industrial.

Salve, o dia 13 de Junho, Salve!

## TONICA

Por ser hoje um dia feliz, dia de glórias, em que viste a luz, do dia pela primeira vez na vida; nós como íntimos apreciadores das tuas virtudes e carinhos, vimos, do íntimo da alma, cumprimentar-te pelo effusivo prazer que te vae na alma no dia feliz do teu natal.

Recebe pois, mil felicitações dos sinceros amigos.

Delphino Santos  
Nympha F. Santos

## Frederico Machado

Seguirá brevemente para o interior do Estado, este intelligente e applicado estudante, um dos nossos collegas da "MOCIDADE". Almejanos ao distinto jovem, uma jornada alrixareira que em breve regresse, para satisfação dos seus confrades de pugnas e amenidade das suas conquistas...

## DENTISTA

### Edgar de Almeida.

Diplomado pela Faculdade de Medicina e Pharmacia do Rio Grande do Sul.

Consultas: das 8 às 3 da tarde.

Consultorio e residencia: Rua do Sol n.º 64.

## ALFAIATARIA

### Ignacio Homem

Nesta importante Alfaiaaria existe um completo sortimento de casimiras francesas e inglesas para ternos, lindos fustões para coletes, alpacas de diferentes cores e fitas de lã e seda para fardas de oficiais da Guarda Nacional. Rua do Sol, n.º 3.

BAR-TYPHABELLO